

Era uma vez um velho mordomo chamado Eldon, que estava deitado no seu leito de morte, assistido pela chefe das criadas, a menina Agatha Burch. De quando em quando, outros domésticos apareciam no quarto para manifestar, separadamente ou em coro, os sentimentos apropriados à circunstância, após o que regressavam aos seus afazeres.

O moribundo repetia continuamente um nome, «Ellen».

As janelas ogivais do quarto do Sr. Eldon não tinham estores nem cortinas. Pois isto passava-se na Irlanda, onde não havia imposição de *blackout*.

Souu um riso masculino. A menina Burch estremeceu, a voz voltou a ouvir-se. Charley Raunce, chefe dos criados, estava a falar no exterior com o louro Bert, ajudante de copa. Agatha reconheceu a voz, mas não conseguiu perceber o que se dizia.

«... continuando», dizia Raunce, «deves sempre lavar os dentes antes de ir ter com uma rapariga. É uma questão de higiene pessoal. É que eu interesso-me por ti, rapaz, e devias agradecer-me. Ouve o que eu te digo, vai com calma, se não queres dar cabo da saúde.»

O rapaz parecia adoentado.

«O que te fazia bem era um copito de *whisky*», prosseguiu Raunce, mas o rapaz não se atrevia.

«Ali dentro não», respondeu o moço, assustado. «Credo!»

«E porque não? Tu não sabes onde ele tem a garrafa? Claro que sabes.»

«Nem pensar, beber no quarto dele...»

«Ora, não te deixes perturbar com ninharias», disse Raunce. Era um homem pálido, e mais pálido estava nesse momento. «O velhote está com a sua Ellen, não vai dar fé.»

«E a menina Agatha?»

«É esse o teu problema? Porque não disseste logo? Isso é diferente. Assim já te compreendo. Deixa que eu trato dela.»

Raunce hesitou um momento, depois entrou no quarto. O rapaz ficou à escuta, como se esperasse ouvir um grito. Como a porta ficara entreaberta, pôde ouvir o modo como Raunce expunha o caso.

«Hoje é a minha tarde livre, para o caso de eles se lembrarem de me chamar», disse ele a Agatha. «Se quiser, eu fico a tomar conta dele um bocado enquanto você vai dar uma volta para apanhar ar.»

«Se é assim», respondeu ela, «não me importava.»

«Então, força, menina Burch. Vá dar um passeio, para desanuviar.»

«Não vou para longe, só uma volta pelas traseiras. Mas se ele piorar, chame-me, está bem?»

Charley prometeu-lho e ela saiu. Bert continuava imóvel, com as facas molhadas na mão direita. A porta estava de novo aberta para trás. Depois, ainda quase ao alcance do ouvido da menina Burch, ouviu-se o barulho de uma gaveta a ser fechada. Raunce reapareceu, trazendo na mão uma garrafa de vidro talhado cheia de *whisky*. A porta ficou aberta.

«Vamos a isto. Ouve», disse ele para Bert, «na tua idade, o importante é comer e beber. Eu sei que está um velho a morrer, mas isto para mim vale mais que pão e vinho. Essa é que é essa. Vamos lá para trás da porta.»

No tempo do Sr. Eldon aquilo tinha sido uma espécie de ritual. Entre a parede e a porta da copa formava-se um recanto. Era aí que se bebia o *whisky* do Sr. Tennant. «Ellen», voltou a ouvir-se, «Ellen.»

Aproximou-se um frufu de saias e Raunce meteu a cabeça de fora enquanto Bert, mais escondido por ser mais baixo, só pôde olhar para o lado contrário, ao longo de um corredor traseiro, com os olhos ao nível de uma das dobradiças da porta, e não viu ninguém. Mas Charley avistou Edith, uma das duas criadas de quarto.

A rapariga parou diante da porta aberta do quarto do mordomo. Só quando Raunce disse «Olá» é que ela se virou. Reparou então que Edith trazia uma pena de pavão na bonita cabeça, espetada no cabelo castanho-escuro, ondulado. «Que se passa?», perguntou ele, ao mesmo tempo que lhe mostrava a garrafa com um ar de «olha o que eu encontrei».

A criada trazia nas mãos uma luva de couro, segura pelo punho. Raunce viu que estava cheia até à borda de ovos brancos e intactos.

«Que susto me pregou», disse ela, com um ar nada assustado.

«Olha o que tenho aqui para nós», respondeu ele, relanceando um olhar à garrafa que tinha na mão. Depois fixou-se na pluma, que era talvez o que a rapariga esperava.

«É melhor tirares isso antes que te vejam», prosseguiu ele. «Que trazes aí? Ovos? Para quê?», perguntou. Bert espreitou por debaixo da garrafa e exibiu o sorriso adolescente que sempre reservava para as raparigas. Sem aviso nem qualquer mudança de expressão, Edith começou a corar. Essa lenta maré congelou os seus olhos negros, dando-lhes um brilho facetado. «Não lhes vai contar», pediu ela. Charley ia para responder «depende» quando soou uma campainha. O painel indicador vibrou. «Pronto, está bem», disse Raunce, saindo para ver de que quarto chamavam. Bert seguiu-o timidamente.

Charley pousou dois copos humedecidos dentro duma tina de madeira no lava-loiça e escondeu a garrafa num armário da copa. «Ellen», voltou a chamar o velho, numa voz débil. Isto atraiu a atenção de Edith, fazendo-a voltar-se para o quarto do mordomo. «Bom, rapaz», disse Raunce para Bert, «confio-te a guarda da garrafa. Vê lá se a Sr.^a Welch não vem da cozinha e nos dá conta do *whisky*.» Não obteve a gargalhada esperada. Os dois jovens deviam estar atentos aos chamamentos do Sr. Eldon. A campainha voltou a soar. «Pronto, pronto», disse Raunce, «já vou. Não te esqueças de me devolver essa luva, que a senhora há-de querer que lha leve.»

«Está bem, Sr. Raunce», disse ela.

«Já fui promovido?», disse ele, sorrindo enquanto vestia a casaca. Quando ele saiu, Edith voltou-se para Bert. Tratava-o sempre com frieza. Era apenas três meses mais velha do que ele, mas pelo tom de voz com que lhe falava dir-se-ia sua tia.

«Bom, há-de ser promovido, quando o outro se for», disse ela.

«O Sr. Eldon vai morrer?», perguntou Bert, engolindo em seco.

«Mas claro», disse ela com uma risada nervosa, passando depois a mão pelo rosto.

Enquanto isso, Charley entrava no quarto da Sr.^a Tennant no momento em que esta bocejava. Ela disse-lhe:

«Ah, mandei-o chamar, Arthur, não foi?», disse a senhora, tratando-o pelo nome do seu primeiro lacaio, e que passara a aplicar a todos os seguintes, independentemente de estes se chamarem Tom, Harry, Percy ou Victor. «Viu uma luva de jardinagem minha? Do par que trouxe de Londres?»

«Não, senhora.»

«Pergunte aos outros criados se a viram, sim? Que maçada.»

«Sim, senhora.»

«E, ah, diga-me, como está o Eldon?»

«Parece-me que está na mesma, senhora.»

«Valha-me Deus. Pronto, obrigada, Arthur. Era só isso. Espere. O Dr. Connolly deve chegar a qualquer momento.»

Raunce saiu, fechando silenciosamente a porta de mogno. Depois de vinte bem treinados passos, fechou atrás de si uma porta de baeta verde e exclamou:

«Ouve, rapaz, ela quer aquela luva, não te esqueças.»

«Que luva?»

«A luva de jardinagem onde a Edith trazia os ovos», respondeu Raunce. «Moisés me valha, olha as horas que são. Três menos dez e eu fora da cama. Vamos lá despachar isto.» Apressou-se a pegar na garrafa enquanto Bert ia buscar dois copos ainda húmidos. «Deus lhe dê descanso», acrescentou Raunce, num tom diferente, depois disse:

«Copos molhados? Mas onde é que foste criado? Traz mas é dos secos e obrigadinho», exclamou. «Vamos lá emborcar para trás da porta.» Ouviram de novo a voz queixosa do Sr. Eldon a chamar por Ellen. «Outra coisa, a Sr.^a T. continua a chamar-me Arthur. Mas tu passas a tratar-me por Sr. Raunce, estás a ouvir?»

«Ele inda não morreu.»

«Não morreu, mas pouco falta. Por falar nisso. Alguma vez reparaste onde é que o velhote guarda aqueles cadernos, o preto e o vermelho?»

«Que quer dizer com isso? Nunca lhes mexi.»

«Não sejas pateta, ninguém te está a acusar de nada. Mas de certeza que os viste muitas vezes, que ele de ti não precisava de os esconder.»

«Não os vi, não sei.»

«Nunca vais dar nada na vida, rapaz, é mais que certo», disse Raunce. «Há momentos em que desespero de ti», prosseguiu. «Estás a querer convencer-me de que nunca lhes puseste a vista em cima, nem sequer para saber onde ele os guarda?»

«Porque havia de fazer isso, Sr. Raunce?»

«Ouve, quando temos uma coisa diante do nariz, não podemos deixar de a ver. Mas nem sei porque digo isto. Como se um paspalho como tu alguma vez se pudesse tornar útil!»

«Eu nunca, Sr. Raunce.»

«Tu nunca, é? Nunca o quê?» perguntou Raunce. «Deixa-te de lamúrias. O que te estou a perguntar é se não te lembras de o ver a ler num caderno vermelho ou preto.»

«A ler o quê?», perguntou Bert, afoitado pelo copo de *whisky*, agora vazio na sua mão.

«Está bem, pronto. Nunca viste esses cadernos. Era tudo o que eu queria saber. Agora quero que fiques de olho no relógio. Vou-me deitar um bocadinho, está na hora da minha *siesta*. Não te esqueças de me vir chamar às quatro e meia. Ainda não confio em ti para servires o chá. Mas ouve uma coisa. Se baterem à porta, há-de ser o médico. Acompanha-o directamente ao quarto», disse Raunce, apontando com o polegar para a porta aberta. Saiu.

«E a menina Agatha?», perguntou o rapaz. «Vou chamá-la?», exclamou, aflito.

Raunce não pode ter deixado de o ouvir, mas não respondeu. Deixado sozinho, o jovem Albert desatou a tremer.

Na sala matinal, dois dias depois, Raunce estava de frente para a Sr.^a Tennant e de costas parcialmente voltadas para Violet, a nora da Sr.^a Tennant.

«Posso falar um momento com a senhora?»

«Sim, Arthur. De que se trata?»

«Não pretendo causar nenhum inconveniente à senhora, mas gostaria de apresentar a minha demissão.»

A Sr.^a Tennant não podia ver Violet, porque Raunce estava de permeio. Assim, fixou o olhar no penúltimo botão do colete do laçao, situado ao nível da cabeça da sua nora, por trás dele. Raunce tinha estado de braços caídos ao longo do corpo, mas agora erguia uma das mãos até ao colete e, certificando-se de que estava de facto abotoado, voltava a deixá-la cair.

«Que está a dizer, Arthur?», perguntou ela. Parecia irritada. «Logo num momento destes, com o Eldon nesta situação?»

«Sem ele a casa nunca mais será a mesma, minha senhora.»

«Mas isso não é motivo. Bom, não importa. Deve saber que eu não posso arranjar agora outro mordomo.»

«Não, minha senhora.»

«A vida já não é como dantes, sabe isso. Há uma guerra. E há impostos a pagar e tudo o mais. Você tem de compreender isso.»